

# ALÉRTA

CAMARADAS COMBATENTES

DE TERRA, MAR E AR

DE TODAS AS GRADUAÇÕES E PATENTES:

O TERRORISMO QUERE, AGORA,  
ATACAR-NOS PELAS COSTAS.

G. ARROZ



N.º 9087

Somos dos que cumpriram — chamados a defender a Nação no Ultramar.

Ao partir, levávamos algumas dúvidas incutidas por certas propagandas astutas.

Quando voltámos, trazíamos convicções que ninguém pode refutar. Hoje, nenhum verdadeiro combatente hesitará em garantir, se for honesto, que é a própria Pátria Portuguesa que está em jogo.

Vimos e ouvimos o suficiente para reconhecermos que assim é. Temos de proceder, portanto, em consequência.

Nós, os da primeira hora, os das «picadas» de Angola, convertidas em fojos de assassinos, os da Pedra Verde, os de Nambuanguo, os de Aldeia Viçosa, os que lutámos nos sertões da Guiné e de Moçambique, cheios de vítimas inocentes — nós, os que com os olhos rasos de água e as mãos a fremir nas armas, ouvimos a algazarra feroz dos que esquartejaram mulheres e crianças de Portugal, com requintes de horrenda selvajaria, temos ainda nos olhos as cenas hediondas de carnagem perpetradas por autênticos bandidos que os inimigos externos de Portugal amparam e os inimigos internos sempre pretenderam auxiliar.

Nós, os combatentes, nunca mais poderemos esquecer que vimos cair ao nosso lado muitos camaradas nossos — praças, sargentos, oficiais — que se sacrificaram heróicamente para que

os portugueses não sejam esbulhados do que, de pleno direito, nos pertence.

E podemos mostrar, quase todos, na carne e nos nervos, as cicatrizes da luta que mantivemos e que, neste momento, outros irmãos de armas mantêm com igual bravura — tanta, que o terrorismo já dá sinais de desagregação e de cansaço, como confessam, de maneira quase directa, muitos dos seus mentores.

É a vitória que está à vista! Vitória pelas armas, pelo Espírito, pelo trabalho. Vitória do sangue derramado — que não tem sido inútil porque só assim teríamos possibilidades de impedir que o nosso Povo fosse arremessado para a miséria, para o aviltamento, para a dissolução social e moral. Os sacrifícios pedidos e consentidos na hora própria nunca se nos revelaram supérfluos ou dispensáveis.

Verificámos, no decurso da nossa missão, que eram imprescindíveis. Sem eles, milhões de Portugueses estariam, hoje, na mais deprimente das desgraças, escravizados a poderes estrangeiros e regressados aos sangrentos ódios tribais. Sem eles, a maior parte da população da Metrópole estaria mergulhada numa crise de proporções trágicas com reflexos em toda a demais gente que aqui vive e trabalha. Sem eles, até a independência nacional estaria abelada nos seus alicerces principais.

Somos, pois, dos que cumpriram para que as nossas mulheres, os nossos filhos, todos os do nosso sangue, não conheçam as atrocidades que dilaceram outros povos.

Não somos dos que falam por vício de falar, dos que incitam à discórdia, dos que «contestam» tudo e todos, mas se distanciam quando lhes é solicitado o mais ligeiro dos actos de denodo. Não somos pusilânimes que inventam «contestações» para escapar ao cumprimento do dever; não somos dos que têm a fácil coragem de levantar alaridos contra ou a favor de alguém ou de qualquer coisa, como artimanha para esconder uma abjecta cobardia. Não somos dos que pedem «outras missões» e «outros encargos», para ficar comodamente longe da «frente» de combate. Não somos dos que pedincham «postas», dos que mendigam cargos e títulos, dos que rastejam em

torno dos políticos em moda, renegando tudo o que fizeram e disseram antes. Não somos dos que empalidecem assim que lhes pedem contas dos seus egoísmos, das suas «combatividades» reduzidas a palavreado redundante. Não somos dos que engordam à sombra da segurança que lhes tem sido mantida até agora e da tolerância, que lhes concedem por compadrio ou por nojo.

Nós somos combatentes — e não políticos. Nós somos os que não recuaram, nem se ocultaram. Nós somos os que a ninguém reconhecem o direito de pretender impor-nos silêncio.

Agora, falamos nós. Para lembrar. Para prevenir. E para acusar.

Aprendemos, nas horas de combate, pensando nas nossas famílias, percorrendo sobre os verdadeiros motivos do nosso sacrifício, onde está a razão, onde está a justiça, onde está a verdade. E compreendemos que eram falsos os panfletos que nos metiam nos bolsos antes de largada. E entendemos que se quisesse desviar-nos da realidade. E vimos — concretamente, vimos — que as supostas «vítimas» eram algozes. Vimos que tudo quanto existe de útil, de meritório, de humanitário, de louvável, de digno, nas terras e nas almas de Angola, de Moçambique e da Guiné, é obra de Portugueses.

Vimos pretos, brancos e mestiços alinharem, lado a lado, em torno da mesma bandeira, irmanados pela mesma fidelidade, pelo mesmo anseio de progresso em paz, de harmonia sem discriminações, de labor pelo bem comum. E encontramos, muitas vezes, nas encruzilhadas do mato papalada reveladora de que, na retaguarda, havia quem estivesse a colaborar com os autores da feroz matança da nossa melhor população.

Descobrimos, com espanto e cólera, que existia, protegido — para o cúmulo — pelas nossas armas, quem ajudasse, de alguma forma, o desvairado e feroz inimigo que assaltava os nossos cultivadores, os nossos operários, despedaçando crianças nos berços, violentando mulheres e cometendo horrorosas violências contra trabalhadores pacíficos.

Tivemos a certeza de que os famigerados Holden Roberto

— que se ufanou de ter serrado vivo um modesto operário de madeiras — e o seu concorrente Mário de Andrade, tanto como o não menos sinistro Agostinho Neto, são indivíduos que, noutras circunstâncias, a própria «Interpol» perseguiria através do Mundo como perigosos para o género humano, sádicos que só nas chacinas se saciam. E vimos as marcas e as origens das armas, do terrorismo. E vimos aldeias nativas cheias de mortos e de mutilados — que tal era o preço com que os seus humildes habitantes pagavam a fidelidade a Portugal.

E tivemos sucessivas provas de que não há, nunca houve, uma revolta contra a soberania Portuguesa — mas, sim, um assalto encomendado de fora, ordenado de fora, estimulado de fora, iludindo em muitos casos as gentes simples, obrigando-as a proceder pelo terror a quebrar a paz em que viviam. Estas as verdades que nós, combatentes, pudémos observar.

Hoje perante o que presenciamos no panorama político, temos uma palavra a dizer — e queremos dizê-la com plena autoridade, e dispostos a repeti-la noutros termos e douras formas mais directas e enérgicas.

Se nos ouvirem, tanto melhor, se acontecer o contrário, terão muitos de nos escutar noutras condições e de modo completamente diferente.

Temos lido e ouvido o que escrevem e dizem indivíduos surgidos com tabuletas de «democráticos». Ouvimos e lemos o que disse, desde a sua posse o Chefe do Governo. Não perdemos uma só palavra do que foi proclamado pelo Chefe do Estado — supremo Chefe dos Portugueses.

Estamos elucidados. Nem tanto seria preciso para que não restassem em nós quaisquer dúvidas, se as houvesse.

É indiscutível que, dum lado estão os que defendem a Continuidade de Portugal, os que querem ser dignos dos vivos e dos mortos; do outro, estão os que, sob alegações estandardizadas, querem reduzir o Povo Português à penúria, à desordem, à desgraça, porque só na desgraça podem levar a cabo os seus planos inspirados por mentores estrangeiros.

Podemos não concordar com alguns métodos usados na Metrópole e no Ultramar, podemos mesmo olhar com estranheza determinadas afirmações vindas a público, através das quais se adivinham designios que só nos sugerem reserva. Podemos considerar deslocado, incompreensível, que se admitam, dentro de casa, como se fossem inofensivos, indivíduos que traçoam a Pátria, que andaram a vilipendiá-la e não cessaram de a ferir de todas as maneiras ao seu alcance.

Mas situamos, agora, acima de tudo e de todos, o que devemos à memória dos camaradas caídos no cumprimento do dever, o que devemos às famílias que ofereceram o sangue do seu sangue, a carne da sua carne, para que Portugal sobreviva. Nesta posição, não há transigência concebível, nem tolerância admissível.

E aqui estamos, nesta hora, a lembrá-lo — e a exigir que ninguém o esqueça!

Nós aplaudimos — sempre o desejámos — os esforços que se façam para tornar firme e clara a harmonia da Família Portuguesa, arredando do caminho tudo o que constitua tropeço. Achamos perfeitamente compreensível que possam voltar ao nosso convívio os que, alguma vez, hesitaram. Mas nem confundimos os que, por extravio ocasional se distanciaram de casa, com quem o fez com intuítos manifestados, depois, em autênticas malfetorias contra o nosso prestígio, contra a nossa razão, contra o próprio sangue derramado, nem com aqueles que levaram o rancoroso desvario a dar ajuda aos canibais que devoraram carne da nossa carne. Esses, de algum modo, têm sangue português nas mãos, como cúmplices e encobridores dos assassinos, como partidários dos sinistros massacradores de inocentes.

Esses, renunciaram — porque renegaram e, após a renegação, se transformaram em auxiliares activos do inimigo. Não se trata, pois, de hesitação.

Há diferença, cremos, entre quem hesita à beira de um delito e desiste, e quem galgue a distância que vai da hesitação ao crime. Não sabemos até que ponto, quando se joga

o destino de milhões, de um povo inteiro, de corpos e almas, há licitude em cometer equívocos neste capítulo.

Quem traíu, não hesitou. Quem ajudou, directa ou indirectamente um genocídio, não hesitou. Quem apoiou, lá fora, escrevendo, falando, intrigando, os que têm dilacerado os portugueses de Angola, de Moçambique, da Guiné, não hesitou. Quem concorreu para caluniar a obra dos nossos soldados, dos nossos colonos, dos nossos missionários, dum povo inteiro, não hesitou. Quem andou pelos corredores da O. N. U. e pelas redacções dos jornais estrangeiros a mover influências e pressões contra a própria Pátria, contra os seus direitos e contra o seu esforço, não hesitou.

Quem, mesmo dentro do país, beneficiando de indulgências excessivas, persistiu em fomentar derrotismos (só favoráveis ao inimigo e para o cúmulo, apontando esse inimigo como «vítima», nas horas em que ele espostejava mulheres e crianças nossas), esse não hesitou. Quem, agora, age com o ostensivo desígnio de nos lançar em anárquicos desmandos, sob «razões» que só iludem tolos, deformando os contornos exactos dos problemas, cultivando a perfídia das «meias verdades» — especulando com erros humaníssimos, transfigurando o péssimo em excelente e o razoável em péssimo, o bom em execrável e o execrável em óptimo — quem envenene ou tente envenenar, a consciência dum povo que apenas se defende de um ataque movido com tenebrosos fins — esse, também não pode enfileirar entre os hesitantes.

Ponhamos as coisas como elas são — e digamos que, neste sentido, em nada nos importa acertar o nosso «relógio» por qualquer outro...

Quem renegou, não é um hesitante. Quem colaborou, duma ou outra forma, com os inimigos de Portugal, não se limitou a hesitar.

Com que direito podem então, essa corja e os seus coadjuvantes aparecer-nos a requerer que lhes atribuamos qualquer dose de confiança ou mesmo a possibilidade de se exprimirem sobre os valores que só não destruíram porque não



Ihes foi possível consumir o crime?

Estamos a escutar o alarido de criaturas que, por seus procedimentos anti-nacionais, voluntariamente cessaram de ter qualquer direito a erguer a voz dentro da Casa da Família Portuguesa.

Assistimos às ridículas piruetas de uns tantos politiquinhos sem brio, sem vergonha, sem nada que os imponha ao nosso respeito e à nossa audiência.

Vemos surgir das alforjas da traição todos os que nós, combatentes, julgávamos arredados para sempre do terreno cuja defesa está confiada à rectaguarda. E percebemos que eles — precisamente os renegados, os traidores, os salta-pocinhas, os ambiciosos de sinecuras e de títulos, de percentagens e de dividendos — se arrogam o direito de deliberar sobre o futuro da Pátria.

De momento, não sabemos bem como classificar quem tanto consente em tempo de guerra, nem atingir que fins poderão querer alcançar os que aceitem a presença activa de traidores ostensivos ou encapotados. Todavia, os combatentes de África não estão adormecidos, nem esquecidos, nem divididos.

E se guardámos silêncio até agora, foi por querermos compreender, primeiro, até que ponto se definiam as atitudes.

Creemos que, hoje, elas estão patentes.

#### **É A NOSSA HORA DE FALAR.**

Nós, combatentes do Ultramar não estamos ao lado de certas figuras apresentadas ao eleitorado como capazes de defender a integridade nacional — digamo-lo desde já.

Não acreditamos nessas patrulhas de cachapins que nunca tiveram uma atitude aberta e resolvida, nunca mostraram espírito combativo, nem fizeram outra coisa, senão oscilar, segundo os seus apetites. Não podemos mesmo entender, por

simples questão de senso comum, que se houvesse transigido em escolher certos nomes desclassificados.

Quem são eles para assumir, na Assembleia Nacional a missão de nos representar?

Nunca oportunistas serviram nas horas de emergência. Nunca os medricas serviram nas horas em que é preciso enfrentar dificuldades. Nunca videirinhos foram capazes de um gesto de brio autêntico. Nunca os que proclamam preferir «relógios estrangeiros foram aptos para acertar o «relógio português.

É pouca a gente desse género? Nem tanta deveria aparecer. A sua presença constitui, para nós, um escárnio afrontoso, que, tarde ou cedo trará consequências.

Há hoje, na Metrópole algumas centenas de milhares de homens que já conhecem o Ultramar e que por lá combatiram. Mais estão nas fileiras, por aqui e por lá.

Todos formámos a ideia de que, na rectaguarda existe e existiu um intuito de traição disfarçado.

Chegou o momento de verificar — e estamos a verificá-lo — que há, com efeito, de uma ou de outra forma, objectivos que não são aqueles pelos quais estivémos e estamos a Servir.

Mas quem são os dúbios já identificados ou em potencia?

Um a um, vão sendo descobertos. Basta atentar no tom das suas arengas, basta desenterrar factos do seu passado, basta recordar a maneira como têm instilado, lentamente, o vírus da renúncia. Afirmam, agora, uma ideia, para amanhã a voltarem do avesso. Prestam hoje uma garantia, para, horas, depois a tornarem engenhosamente vaga. Utilizam palavras que, de semana para semana, variam de sentido e de possíveis interpretações...

Que quer isto dizer? Firmeza, não, decerto. Fidelidade, ainda menos. Deliberação, de modo nenhum.

Ora, nós, combatentes exigimos atitudes claras, queremos não observar hesitações, abominamos as duplicidades, e de-

testamos quem se preste a querer fazer jogo para todos os lados. É de gente ambígua que surdem, em geral, os piores traidores. E é contra gente assim que nós aprendemos a reagir.

E havemos de reagir, estelam certos, por todas as maneiras que a defesa da Nação exija.

Camaradas combatentes de Terra, Mar e Ar  
de todas as armas e de todas as graduações e patentes,  
seja qualquer fór a situação em que se encontrem:

Aqueles que sempre classificámos, com desprezo, de «cachapins», aqueles que, na retaguarda — enquanto nós combatíamos, tremíamos de febres e aguentávamos o banditismo assassino — iam ruminando baixos rancores e cultivando infâmes sectarismos ou buscando satisfazer apetites de mando ou de dinheiro, querem, agora, destruir o que nós defendemos.

É o assalto pela retaguarda. É a punhalada pelas costas.

Punhalada que não nos atingiria apenas a nós, combatentes, mas a todas as populações metropolitanas e ultramarinas, que sempre em nós confiaram. É a traição que, saindo da sombra em que se abrigava, busca estragular-nos, odienta e odiosa, como sempre.

Há-de especular, em tons lamurientos, com as lágrimas e o sangue dos nossos irmãos de armas, tentando impressionar os fracos e os simples com se não fosse essa mesma corja renegada quem mais armou os ânimos e os braços dos terroristas para melhor nos agredir. Os algozes vão querer aparecer como vítimas; os traidores vão querer aparecer como «patriotas evoluídos»; os ambiciosos sem escrúpulos, vão fingir que são puritanos cheios de preocupações humanitárias.

A mascarada dos traidores e dos cúmplices — que firmaram panfletos, não esqueçamos, contra todos nós durante os anos da guerra, desde 1961 — vai desfilar, vai esganiçar-se, vai uivar, vai garatujar asnidades e injúrias torpezas e sonoras trapalhices.

É portanto, o terrorismo que nos aparece na rectaguarda.

Agora, não está a milhares de quilómetros da Metrópole:  
Está aqui mesmo!

Com vestes intelectuloides, com maneirismos de farsa, com fraseologia comicieira.

Nós conhecemo-lo. E porque o conhecemos, temos de dar-lhe a única resposta que merece.

Que os politíqueiros de qualquer banda abram as portas, transijam, entrem em conclusões, digam ambiguidades que bastam para os classificar, tentem esconder a sua cobardia com palavrório redundante, apregoem promessas de «renovações» que estão longe de saber sequer como poderão processar-se — isso, em nada nos impressiona.

Há, para nós, um princípio: A Pátria não se discute como se não discute a Família.

Ora, o que se intenta é abrir perniciosa discussão sobre a Pátria — porque o Ultramar é Portugal — e daí resulta que se quiere atacar a própria Família — a coesão fraterna dos portugueses dignos da sua condição.

Haverá a menor hipótese de consentirmos que se cometa esta traição?

Os combatentes só conhecem, para isto, uma resposta.

E havemos de dá-la!

Camaradas, combatentes da Terra, Mar e Ar,

de todas as Armas e de todas as Patentes:

— ESTEJAMOS PRONTOS PARA CONTINUAR A DEFENDER O QUE NOS PERTENCE E NOS FOI CONFIADO. SEJAM QUEM FOREM OS TRAIADORES, APAREÇAM COMO APARECEREM, FALÉM COMO FALAREM, DESDE QUE TENTEM, SEQUER, DESTRUIR A INTEGRIDADE.

DADE DA PÁTRIA PORTUGUESA E O PATRIMÓNIO DO POVO PORTUGUES, SÓ PODEM SER TRATADOS COMO SEMPRE TRATAMOS O INIMIGO.

— MANTENHAMO-NOS EM ALERTA, DISPOSTOS A PROCEDER. NÓS NÃO SOMOS DOS QUE VOLTAM A CARA. NÓS NÃO QUEREMOS SINECURAS, NEM CARGOS, NEM FORTUNAS SUSPEITAS, NEM CONLUIOS LUCRATIVOS COM AGENTES ESTRANHOS. NÓS, COMBATENTES, SABEMOS O QUE SOMOS E O QUE QUEREMOS — E QUE É SIMPLES: QUE NÃO SE COMETAM TRAIÇÕES CONTRA O NOSSO POVO, NÃO SE PERCA O SACRIFÍCIO DOS VIVOS E DOS MORTOS, NEM SE MACULE A HONRA DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS.

Camaradas combatentes: Alérta! Desta vez, o terrorismo tenta envolver-nos e aparece-nos pelas costas.

A L E R T A I

UM GRUPO DE COMBATENTES DO ULTRAMAR

26/9/1969



